

## DESPERTANDO NA CRIANÇA O INTERESSE PELA LITERATURA INFANTIL DE FORMA LÚDICA

*Polianna Costa Pessoa\**  
*Prof. Me. Lizandro Poletto\*\**

**RESUMO:** Neste artigo propomos uma análise da necessidade de se criar na criança o senso crítico e o estímulo à imaginação, tudo isso acompanhado pelo prazer da leitura, levando-a a indagar e a explorar coisas e situações e despertando o pensar na criança. Ler é reconhecer o mundo através de espelhos. A verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo, mas também é possível ler outras coisas, como imagens e expressões físicas (leitura facial), possibilitando-nos saber se determinada pessoa está triste, alegre, surpresa etc. “Literatura” é uma palavra intransitiva e, por sua vez, dependendo da qualidade que ela receba, é considerada arte, ao expressar um sentimento aprazível, satisfatório. Na França, na metade do século XVII, durante a monarquia absoluta do Luís XIV, o “Rei Sol”, manifestaram-se preocupações com uma literatura voltada para crianças e jovens. A metodologia adotada para a realização do trabalho foi a de pesquisa bibliográfica, tendo como auxílio teórico, principalmente, os seguintes autores: Jannuzzi (2004), Gugel (2007), Bank-Mikkelsen (1969), Mantoan (2008), Schwarz (2006), Cunha (2015), Orrú (2006) e Silva, Gaiato e Reveles (2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, Literatura Infantil, Interesse de Forma lúdica.

### 1. INTRODUÇÃO

A importância da presente pesquisa se baseia na necessidade de criação no senso crítico na criança, além do estímulo à imaginação, tudo isso acompanhado pelo prazer da leitura, levando-a a indagar e a explorar coisas e situações, despertando o pensar na criança.

Na sociedade do século XXI, com o auge da tecnologia, há, de certa forma, uma desvalorização da leitura – outrora tão pura, “palpável” e manual – que, agora, passou para o meio digital. Isso dificultou ainda mais a leitura de muitas pessoas, tirando o foco da essência literária. Por isso, a opção pelo método lúdico pode mudar esse quadro, ao levar a criança a buscar a literatura em sua forma essencial.

A presente pesquisa tem como contribuição apontar a necessidade de instigar a criança a fazer perguntas e a ter respeito pelo livro original e pela verdadeira leitura.

---

\*Formanda do 8º período matutino do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, no semestre letivo 2018/1.

\*\* Pedagogo (ULBRA-RG), filósofo (FBB-BA), teólogo (PUC-PR), historiador (FAN-GO), Administrador (FAN-GO). Mestre em História (UFPR). Professor do Instituto Superior e Educação (ISE) da Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, GO.

Assim, desperta-se a sua criatividade diante do lúdico, além de seu senso crítico, a partir da utilização de métodos diversos e bem elaborados, dentro das escolas ou até mesmo pela família da criança, possibilitando que ela tenha acesso à cultura do ler.

O déficit de algumas crianças em relação à leitura nos instigou a intervir nesse ensino de forma mais criativa e inovadora, para, assim, trazer uma melhora e um interesse maior por parte da criança para o ato de ler. Dessa maneira, seguindo esse raciocínio, foram elaborados os seguintes questionamentos: como ensinar de modo mais eficaz a literatura infantil? O uso de livros ilustrados, com poucas palavras, contribuirá posteriormente para o desenvolvimento da estrutura da linguagem da criança?

Segundo Lakatos e Marconi (2009), a pesquisa bibliográfica refere-se ao conjunto de publicações sobre determinado assunto em revistas, livros, publicações avulsas e imprensa do tema estudado. O presente trabalho tem a modalidade de pesquisa bibliográfica. Assim, em sua elaboração, interpretaremos e analisaremos o pensamento dos seguintes autores que discutem o assunto proposto: Abramovich e Lajolo (2004); Cunha (2004); Coelho Faria (2000; 1991); Lajolo e Zilberman (2004); Machado (2005); Bamberguerd (2002); Pires (2000); e Candemartori (1986).

## 2. O QUE É LEITURA

O processo da leitura pode ser definido de várias maneiras, dependendo não só do enfoque dado (linguístico, psicológico, social, fenomenologia, etc.). A leitura é um processo de representação, envolve o sentido da visão, ler é, na sua ausência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade (LEFFA, 1996, p. 09).

Ler, portanto, é reconhecer o mundo através de espelhos. A verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. Mas também são possíveis outros tipos de leituras, como de imagens e leitura facial, onde podemos saber se a pessoa está triste, alegre, surpresa entre outros (LEFFA, 1996, p. 09).

Embora a leitura, na acepção mais comum de termo, processa-se através da língua, também é possível a sua existência através de sinais não linguísticos. O processo de triangulação, no entanto, é o mesmo. Ao fazermos a leitura sociológica

da rua de uma cidade, olhamos para as casas, o calçamento, as pessoas, mas vemos a realidade sociológica refletida por essa rua (LEFFA, 1996, p. 10).

A triangulação às vezes pode não ocorrer quando uma pessoa diz que leu o texto, mas não conseguiu interpretá-lo. Para a leitura de fato acontecer, o indivíduo deve ser capaz de ler, observar, analisar e apontar o que está à sua volta. Nesse sentido, ele deve saber interpretar cada tipo de leitura, refletindo sobre realidade em um espelho do que se vê e se compreende.

Ler é usar seguimentos da realidade para chegar a outros seguimentos. Dentro dessa acepção, tanto a palavra escrita como outros objetivos podem ser lidos, desde que sirvam como elementos intermediários, indicadores de outros elementos. Esse processo de triangulação, de acesso indireto à realidade é a condição básica para que o ato da leitura ocorra (LEFFA, 1996, p. 11).

Pode-se definir o processo de leitura de duas maneiras antagônicas: 1) ler é extrair significado do texto; ou, 2) ler é atribuir significado ao texto. O antagonismo está nos sentidos opostos dos verbos extrair e atribuir. Um se direciona do texto para o leitor, e o outro, do leitor para o texto (LEFFA, 1996, p. 11).

A adivinhação das palavras é um dos problemas encontrados, além do problema oral, que ocorre quando o indivíduo fala determinada palavra muitas vezes de maneira errada e sem saber o seu significado. O texto pode esconder palavras que não são usadas no nosso dia a dia. Para uma pessoa que está em processo de alfabetização, isso pode prejudicar o início de sua aprendizagem.

A leitura é um processo exato e a compreensão não comporta aproximações. O leitor impulsivo é aquele que não reflete sobre os vocábulos (semelhantes apenas na aparência) ou sobre as figuras de linguagem, que precisam ser reconhecidas e apreciadas no texto. O erro da leitura oral é visto como prova de deficiência. O ato de ler é um processo linear que se desenvolve palavra por palavra (LEFFA, 1996, p. 11).

Outro aspecto da leitura está em seu aspecto visual. O papel dos olhos é de extrema importância nesta acepção. O significado do texto vai além dos olhos, nenhuma palavra é entendida antes de ser vista. O raciocínio do leitor é comandado pela informação que entra pelos olhos (LEFFA, 1996, p.12-13).

Segundo Martins (2006, p. 32), a leitura vai além do texto (seja qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante e deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. A dinâmica do processo é, pois, de tal ordem,

que considerar a leitura apenas como resultado da interação texto-leitor seria reduzi-la consideravelmente. Isso poderia causar um equívoco, como pensar que um mesmo leitor, lendo um mesmo texto, não importa quantas vezes, sempre realizará uma mesma leitura (MARTINS, 2014, p. 33-34).

Segundo Cosson (2014):

[...] ler consiste em produzir sentimentos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolvem quatro elementos: o leitor, o autor, o texto, e o contexto. (CONSSON, 2014, p. 36).

Segundo Leffa (1996, p. 17), esses quatro processos usados para interagir com o texto são necessários ao leitor, além das competências fundamentais para o ato da leitura, com a intenção de ler. Essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca por um equilíbrio interno ou a tentativa de colimação de um determinado objetivo em relação a um determinado texto. O processo final da leitura não está em sua compreensão, esta não é um produto final, acabado, mas um processo que se desenvolve no momento em que a leitura é realizada. A leitura é um processo descendente, que desce do leitor ao texto. A compreensão começa com o estabelecimento do tópico, sugerido no primeiro contato com o texto, ainda em termos gerais (LEFFA, 1996, p. 15).

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto. É essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir outro segmento. Trate-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeras subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre leitor e texto (LEFFA, 1996, p. 24).

Além da leitura, todo processo de ler encaminha também para outro processo a frente à literatura. A leitura e todo o processo de saber ler e interpretar seguem juntos.

Segundo Mallard (1995):

A história literária, como esboço ou síntese do desenvolvimento histórico de um povo, surgiu no século XIX ligada ao fortalecimento das línguas e dos Estados nacionais. Influenciados por filósofos pelo historicismo, os filósofos conceberam a história literária como processo complexo, determinado por fatores externos e internos, concorrendo com os historiadores políticos, ao

procurar mostra a individualidade “ideal” de uma noção por meio de encadeamento dos fenômenos literários (MALLARD, 1995, p. 39).

A abordagem da literatura se ajusta ao ideal da objetividade histórica onde as coisas devem ser comprovadas como se deram. Assim, aplica-se a ideia de evolução à história da literatura, concebida como unidade organizada. A história literária ficou sob a égide da evolução, processo temporal teológico, dirigindo-se a um fim único e predeterminado do processo (MALLARD, 1995, p. 40).

### 3. A LITERATURA INFANTIL NA HISTÓRIA

Segundo Coelho (1991), na França na metade do século XVII, durante a monarquia absoluta do Luís XIV, o “Rei Sol”, manifestaram-se claramente as preocupações com uma literatura voltada para crianças e jovens. As fábulas de 1668 de La Fontaine; os contos da mãe gansa de Gales Perrault; e os contos de fadas de Mme D’Aulnoy e *Jelêmaco* de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil tal como conhecemos hoje.

Para Coelho (1991) é a partir dessa literatura que a valorização da fantasia e da imaginação é ressaltada, criada a partir de textos clássicos ou de narrativas orais do povo. Entretanto, dentro do panorama geral de algumas ideias e correntes nas quais caracterizam o século XVII, tal literatura se torna perfeitamente justificada.

Jean La Fontaine teve o mérito de dar forma definitiva à literatura ocidental, a uma das espécies literárias mais resistentes ao desgaste dos tempos a fábula. Embora escrevendo para adultos, sua fábula tem se tornado uma leitura obrigatória para todas as crianças do mundo (COELHO, 1991, p. 80).

Tendo conhecimento desse panorama, e de como nasceu essa “literatura infantil”, podemos descobrir a seriedade e os objetivos que deram nomes à construção de cada um desses títulos. Em 1637, o discurso de método de Descartes deu maior apoio para a razão inata, o que envolveu essa tendência filosófica com o ideal dominante. Dessa maneira, na primeira metade do século é instaurado, em toda sua plenitude, o racionalismo na literatura, sempre se defrontando com duas grandes forças opostas: as do preciosismo e as do realismo libertino. Estas forças de pensamentos são responsáveis pelas diferenças temáticas problemáticas que marcam a produtividade literária da era clássica. (COELHO, 1991, p. 75).

De acordo com Zilberman e Lajolo (2004), em 1921 Monteiro Lobato publica *Narizinho Arrebitado*, o segundo livro de leitura para uso das escolas primárias. Depois de ter se preocupado com a literatura infantil, logo sugere a correspondência trocada com Godofredo Rangel, comenta com o mesmo da necessidade de se escreverem histórias para crianças de linguagem interessante.

Literatura é uma palavra intransitiva e, por sua vez, dependendo da qualidade recebida, ela pode ser considerada a arte de um sentimento aprazível e satisfatório. Quando associamos o termo “infantil” à literatura, não significa que esta foi desenvolvida apenas para o público. Na realidade, o leitor, de alguma forma, precisa ser correspondido pela literatura infantil de maneira que ele se identifique com a leitura.

Na literatura infantil temos alguns parâmetros nos quais os contos são consagrados para o público infantil, porém de épocas diferentes que, por sua vez, foi passado por vários testes de acolhimento, aceitações e admissão que forneceram como referências para as crianças. Este gênero literário foi constituído durante o século XVII. Nessa época havia grandes mudanças na organização, disposição dos elementos essenciais na organização e disposição dos elementos essenciais da sociedade, onde desencadearam reprodução no ambiente artístico. Portanto, a literatura infantil se divide em dois momentos: a escrita e a lendária, pois ela surgiu por suas necessidades de comunicação dos pais com seus filhos e até mesmo de contar-lhes coisas que lhes cercavam, onde as histórias eram apenas contadas, e não escritas como um documento.

No século VXII surgiram os primeiros livros infantis, constituídos por contos que tratavam sobre injustiças e condenações sobre usos e costumes. Assim, os personagens entristeciam a população. Dessa maneira, para que os autores não fossem ameaçados, eles foram obrigados a ocultar suas intenções por trás de um manto fantasioso (CADEMARTORI, 1994).

Perrault foi quem marcou o início da literatura infantil, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros “Mãe gansa”, “O barba azul”, “Cinderela”, “A gata borralheira”, “O gato de botas”, entre outros. Após isso, apareceram os seguintes escritores: Anderson, Collodi, irmãos Grimm, Lewis Carol e Bush. Já no Brasil, a literatura infantil foi marcada pelo livro “O Patinho Feio”, de Anderson, por volta do século XX. Depois, surgiu Monteiro Lobato, cujo primeiro livro foi “Narizinho Arrebitado”. Com o passar do tempo, foram surgindo muitos outros, que são, atualmente, cativantes para inúmeras

crianças, ativando-as o amor e a sensação agradável de leitura (CADERMATORI, 1994).

A criança passou a ser enxergada como um ser diferente do adulto, com necessidades diferenciadas e características próprias, por volta do século XVII. Nesse período histórico, havia a ideia de que as crianças deveriam ter certo distanciamento das pessoas de idades mais avançadas. E dessa maneira elas receberiam uma educação especial, voltada para elas, a qual seria capaz de lhes prepararem para a vida adulta.

No século XVII, os primeiros livros foram direcionados ao público infantil. Nesse momento, autores como La Fontaine e Charles Perrault escreveram as suas obras, cujo foco principal eram os contos de fadas. Dessa maneira, os laços entre leitura e escola tornaram-se cada dia mais complicados, pois a criança só podia adquirir um livro caso ela já conseguisse dominar a leitura. Este domínio, por sua vez este, é um papel executado pela escola. Nesse sentido, de acordo com Lajolo Zilberman (2002, p. 25), “A escola passa a habilitar as crianças e a sociedade de consumo”.

### **3. COMO DESPERTAR NA CRIANÇA O PRAZER PELA LEITURA DE FORMA LÚDICA DESENVOLVENDO NELA O SENSO CRÍTICO**

Pode-se perceber que a literatura infantil tem alcançado as crianças de tal forma que ela tem progredido no seu emocional e no seu aprendizado de forma inquestionável, despertando, assim, sua convivência com as pessoas. Para que o gosto e o costume de ler sejam ampliados, é preciso haver um método contínuo, iniciado desde cedo – em casa e na escola. O gosto pela leitura é uma intervenção existente por diversas condições, e o mais importante é decretado pela “atmosfera literária”, que, segundo Bamberguerd (2000, p. 71), a criança pode localizar em casa. Quando a criança tem a oportunidade de ouvir histórias desde cedo, ela pode relacionar-se de forma direta com os livros e ser encorajada. Nesse contexto, esta criança possuirá um crescimento promissor ao seu conjunto de palavras, com bastante desenvoltura para leitura.

De acordo com Bamberguer (2000), quando a criança consegue ler com desinibição, ela tende a desejar a leitura, conseguindo, assim, aprender desembaraçadamente. Além disso, com esta percepção, a criança entusiasma-se mais em aprender e pode se tornar um leitor de grande capacidade. Sendo assim, a

inteligência em ler está profundamente emparelhada ao ânimo. Lamentavelmente, são escassos os pais que proporcionam um incentivo verdadeiro para a desenvoltura desta capacidade nos seus filhos. Um fator que colabora de forma conveniente com o vínculo à leitura é a influência do professor. Neste ponto de vista, cabe ao professor realizar uma importante tarefa: a de prontificar à criança à interpretação textual e incentivar a leitura em voz alta. No começo da vivência escolar, atualmente denominada como Educação Infantil, é fundamental realizar um trabalho com textos que rodeiam coletivamente, podendo atribuir maior magnitude à literatura infantil.

A criança precisa, de forma constante, ter uma maior oportunidade em manusear materiais de leitura, pois isso estimula o prazer em ler, tornando-se uma rotina, e não um momento circunstancial. Ao examinar o princípio da leitura da criança na Educação Infantil, vemos a importância do papel intermediador do professor. Ele possibilitará aos educandos um espaço de adequação para a leitura, convertendo estes ambientes em condições aprazíveis para o seu conhecimento. Dessa maneira o aluno pode se aconchegar à leitura, a partir da destinação aprazível dada à literatura pelo professor. Assim ele terá maiores possibilidades em formar grandes leitores para a vida. “O professor que atua precisa tornar-se leitor porque as crianças aprendem a ler com os gestos de leitura do outro”, (BECKER, MARICATO, 2006, p. 26). “É ao livro, a palavra escruta que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens” (COELHO, 2000).

Os contos de fadas já existem há muitos anos. Podemos perceber que estas histórias são presentes em várias culturas, e até mesmo em diferentes continentes. Dessa maneira, todas as suas histórias contêm um alicerce de narrativas semelhantes aos contos que vivenciamos nos dias atuais, pois sua origem é proveniente da Europa. Pode-se citar o exemplo da narrativa da “Cinderela”, contendo em seu registro um relato bastante semelhante a histórias da China do século IX d.C. (ABRAMOVICH, 1995, p. 120). No século XVII o francês Charles Perrault foi considerado, por inúmeras pessoas, o primeiro autor a escrever para crianças. Ele conseguiu organizar em um único livro os contos de fadas (CADEMARTORI, 1986).

Segundo Fortuna (2005, p.1), muitos são elementos que permitem que a criança se sinta facilmente encantada pelos contos de fada, marcando sua vida. O mais importante é deixar óbvio de qual forma a capacidade da criança será ampliada. Aliás, os contos primários trouxeram acontecimentos que impactavam e amedrontavam até mesmo as pessoas de idade mais avançada.

No início eram criações populares e não destinadas para crianças, eram feitas para artesão desconhecidos da população, os mesmo permaneceram e se distribuíram por toda parte devido a lembrança e a capacidade, relato de gerações de contadores diversificados, pois eles por sua vez dedicavam seus tempos durante a noite nos tempos em que não se tinha eletricidade e assim era um meio de recriar sua própria pessoa e as outras lendo e ouvindo histórias (MACHADO, 2002, p. 69).

Quando utilizamos a literatura infantil, ela passa a ser uma ferramenta de grande influência na criação da percepção do aluno. Com ela, este estudante será estimulado para o universo da leitura não apenas como um ato de aquisição considerável, mas também como um trabalho jubiloso. Desse modo, segundo Pires (2000), a leitura infantil se torna insubstituível. É preciso que os mestres, desde os primeiros anos da escola fundamental, incorporem ao cotidiano escolar o processo da leitura, pois, assim, se constituirá um material substancial. Isso pode desenvolver a capacidade infantil ao despertar a sua aptidão cultural. Por isso, nesta faixa etária, deverão ser oferecidos livros de literatura às crianças por uma espécie de tubo óptico, onde haja um conjunto de sentimentos e emoções que oportunize o aumento do prazer pela leitura, como forma de recreação e alegria (PIRES, 2000, p. 34).

Por intermédio da leitura, os garotos podem aprender culturas e conhecimentos ricos e fundamentados, obtendo, assim, instrumentos que auxiliarão em sua compreensão textual. No dia a dia de alguns estabelecimentos de ensino, podemos observar que algumas obras literárias não ficam ao alcance das crianças da Educação Infantil. Isso restringe as suas oportunidades de contato com esse material textual, a partir de justificativa da que elas não podem ser rasgadas ou acometidas por algum dano. De acordo com Magda Soares (2005, p. 18), esta atitude de limitar ao aluno o acesso ao livro transmite um sentimento desagradável a ele, que acaba associando a leitura a um processo tedioso e enfadonho, já que ele não pode se familiarizar com o livro.

No entanto, ao longo dos tempos, e em sua totalidade, os esqueletos básicos dos contos de fada não foram modificados, ou seja, a durável discussão entre o certo e o desagradável. Por sua vez, eles têm um alicerce inocente (circunstância inicial – discussão – procedimento de solução – conquista terminal). Nesse sentido, as situações difíceis são resolvidas a partir das fantasias, fazendo com que as crianças compreendam de maneira mais simplificada, alcançando as necessidades do seu pensamento encantador (AGUIAR, 2001). Tudo isso aconteceu a partir dos seres

humanos que, usando o seu imaginário, criaram um mundo fantasioso que expressa nós mesmos e o nosso mundo interno. Quem sabe este seja o motivo pelo qual, independentemente da idade, essas histórias sejam consideradas tão envolventes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o processo de aprendizagem da leitura também faz parte do processo social. Para diversos autores, a capacidade de leitura está ligada não somente à escrita, mas também à interpretação de imagens, à fala e a outros conhecimentos associados ao dia a dia dos indivíduos.

Foram citados aqui os processos de linguagem associados à identificação daquilo que vemos, ouvimos, lemos e falamos. Novas palavras descobertas devem também ser compreendidas. Lê-las, simplesmente, não significa que saibamos o seu significado. Nesse sentido, o processo de leitura deve estar associado, necessariamente, à busca pela compreensão das palavras. Saber ler não é sinônimo de saber interpretar. Esses dois elementos devem andar juntos.

Para tanto, a literatura infantil torna-se fundamental. É necessário que as crianças sejam estimuladas pelos adultos a ler fábulas, histórias de aventura e guerra, contos de fadas, etc. Historicamente, houve uma divisão na literatura infantil. A monarquia tinha acesso a histórias de contos de fadas, enquanto os mais necessitados ouviam suas histórias através de relatos de guerras ou de aventuras. Nesse sentido, a monarquia tinha mais acesso à leitura do que os mais necessitados.

Contar uma história vai além da leitura imagens e textos. Com essas histórias, as crianças imaginam o que elas quiserem, levando-as ao paraíso da compreensão do imaginário. No Brasil, o primeiro autor de histórias infantis foi Monteiro Lobato, com o livro “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que trazia consigo uma história de aventura e imaginação. Nele, havia duas adultas, Dona Benta e Tia Anastácia, que, além de cuidar e educar, trazia aos seus netos histórias nunca vista por eles, a partir de seu imaginário. Além disso, estas histórias eram repletas de personagens folclóricos, que traziam a história regional do nosso país.

Com o passar dos séculos, as crianças deixaram de ser vistas como adultos mirins, passando a ter histórias específicas. A criança deixou o mundo dos adultos e estes passaram a contar histórias adaptadas à faixa etária infantil, como os contos de fadas, com conteúdo próprio para crianças e seu mundo.

A criança toma gosto pela leitura se o indivíduo que está lendo para ela saiba interpretar a história, dar voz a ela e despertar na criança a vontade de ler. No ambiente escolar, o professor traz para sala de aula o processo de aprendizagem do aluno que chega ao seu processo de alfabetização, com conhecimento das letras e linguagens. Assim, a criança é despertada em casa pela leitura e chega à escola com a mesma vontade de aprender a ler.

O processo de despertar o gosto pela leitura deve vir de casa. No entanto, a escola também participa disso, incentivando o interesse da criança à leitura e à interpretação, a partir de materiais que despertem curiosidade nas imagens e na escrita. Isso desperta o interesse pelo conhecimento, considerando que a leitura constitui um longo processo onde a criança começa, de forma verbal, tentar ler as letras até formar uma palavra, explorando todo o processo de leitura.

Os contos já existentes podem ser adaptados em sala de aula, para que os alunos despertem o interesse e saibam fantasiar através das histórias que lhe são contadas. Assim, o trabalho do professor nesse processo é fundamental. A crítica da percepção do aluno em relação à literatura infantil advém do professor. Este, como mediador da história, desperta o interesse de seus alunos, que muitas vezes nunca ouviram histórias de contos de fadas. Desse modo, incluir essas atividades é fundamental e desafiador. É preciso ensinar o aluno a interpretar essas histórias, já que isto é um aspecto fundamental para sua aprendizagem.

Nesse sentido, conclui-se que a criança deve ser incentivada a ler em casa, bem como na escola, auxiliando-a na imaginação, interpretação e compreensão a partir das histórias infantis. Enfim, é preciso levar à criança a imaginação, trazer a ela o seu mundo ideal, a partir da mediação da família e do professor.

**ABSTRACT:** In this article we propose to analyze the need to create in the child the critical sense, the imagination, all this accompanied by the pleasure in reading, leading to inquire and explore things and situations, awakening the child's thinking. Reading is recognizing the world through mirrors, true reading is only possible when one has prior knowledge of this world, but other types of reading are possible, such as images, facial reading, we can know if the person is sad, happy, surprised among others. Literature is an intransitive word and in turn depends on the quality it receives it is the art of a pleasant, satisfying feeling. It was in France in the middle of the seventeenth century, during the absolute monarchy of Louis XIV, the "Sun King", that expressed concerns about a literature aimed at children and young people. The methodology adopted for the accomplishment of the work was the Bibliographic Research, with theoretical help

as the main authors: Jannuzzi (2004), Gugel (2007), Bank-Mikkelsen (1969), Mantoan (2008), Schwarz (2006), Cunha (2015), Orrú (2006), Silva, Gaiato e Reveles (2012).

**KEYWORDS:** Reading. Children's Literature. Interest in a playful way.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 2004.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BECKER, MARICATO, Adriana. **O prazer da leitura se ensina**. Ed. Crianças. Brasil: S/V, n. 40, p. 26, set. 2005.

CADERMATORI, Ligia. **O que é leitura infantil**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense 1994.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil teoria, análise didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1997.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FORTUNA, Tônia Ramos. **A formação lúdica do educador**. Múltiplos Alfabetismo. Diálogo com a escola na formação do professor. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MACHADO, Patricia Brum. **Comportamento infantil**. 4. ed. São Paulo: Mediação, 2002.

MAGDA, Becker Soares. **Alfabetização e letramento caderno do professor**. Belo Horizonte: UFMG 2005.

MALLARD, Leticia. **História da literatura: ensaios**. 2. ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1995.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PIRES, Delia Helena de Oliveira. **Livros eterno livro**. Releitura. Belo Horizonte. Marco, 2000. Vol. 14 p. 34.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.